



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

**Jamily Charão Vargas¹
Angélica Lopes Zavelinski²**

RESUMO

Este artigo contempla dois direitos básicos da criança, o brincar e o estudar. Nesse sentido, disserta-se sobre a importância de envolver atividades lúdicas na escola, uma vez que estas contribuem para uma aprendizagem mais prazerosa e significativa. Mostra-se que muitos estudos vêm sendo realizados nesta perspectiva, mas que nem sempre as práticas docentes contemplam a teoria, uma vez que o professor é um ser histórico social e, por isso, reproduz elementos historicamente existentes nas práticas pedagógicas, nas escolas e nas relações estabelecidas neste âmbito. Assim, esta escrita oportuniza uma reflexão docente frente às possibilidades e à importância do desenvolvimento de práticas lúdicas que ultrapassem o trabalho docente historicamente reproduzido na escola.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Prática lúdica. Infância

*TEACH PRACTICES IN THE BASIC TEACHING: REFLECTIONS ON PLAYING AND
STUDYING*

ABSTRACT

This article contemplates two basic rights of the child, playing and studying. In this sense, one speaks on the importance of wrapping playful activities in the school, as soon as these contribute to a more pleasurable and significant apprenticeship. It is shown which many studies are carried out in this perspective, but that not always the teaching practices contemplate the theory, as soon as the teacher is a historical social being and, therefore, it reproduces historically existent elements in the pedagogic practices, in the schools and in the relations established in this extent. So, this writing oportuniza a teaching reflection in front of the means and the importance of the development of playful practices that exceed the teaching work historically reproduced in the school.

Keywords: Pedagogical practices. Practice playful. Childhood

*PRÁCTICAS DE MAESTROS DE PRIMARIA: REFLEXIONES SOBRE EL ESTUDIO Y EL
JUEGO*

RESUMEN

Este artículo trata de dos derechos básicos del niño, jugando y estudiando. En este sentido, es exponer sobre la importancia de la participación de actividades recreativas en la escuela, ya que contribuyen a un aprendizaje más agradable y significativa. Se ha demostrado que muchos estudios se han realizado en este punto de vista, pero no siempre las prácticas de enseñanza incluyen la teoría, ya que el maestro es un ser social e histórico, por lo tanto, tiene los elementos históricos existentes en la práctica docente en las escuelas y relaciones que se

¹Mestre em Educação. Atualmente é professora da Faculdade União das Américas – Uniamérica – Foz do Iguaçu /PR. E-mail: vargas_mily@yahoo.com.br

²Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade União das Américas – Uniamérica – Foz do Iguaçu/PR. E-mail: angel_zavelinski@hotmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

establecen en esta área. Por lo tanto, este escrito los maestros fomentar una reflexión sobre las posibilidades de futuro y la importancia de desarrollar prácticas recreativas que van más allá de la profesión docente desempeñado históricamente en la escuela. **Palabras clave:** prácticas pedagógicas. La práctica lúdica. Infancia.

Muitos professores têm o desejo de estimular e criar no ambiente escolar uma atmosfera motivadora, interativa e lúdica, possibilitando a participação conjunta de alunos e de professores no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, para alguns, isto fica apenas no desejo, pois a estes profissionais não é fornecida uma formação continuada, equipamentos e recursos para que em suas aulas os conteúdos estejam articulados, abrangendo jogos e brincadeiras.

Deve-se entender que o professor é um ser histórico-social, e sendo assim, suas ações em relação ao ensino-aprendizagem acontecem conforme as vivências e conhecimentos adquiridos no decorrer de sua trajetória, vivências estas que possuem a marca histórica e social de uma educação conservadora e tradicional.

Na maioria das vezes, embora sabendo da importância em utilizar atividades diferentes e motivadoras que atendam a demanda de alunos de hoje, a escola e os processos de ensino-aprendizagem são reproduções de décadas anteriores, pois como aponta Antunes (2005), são atividades de indivíduos históricos:

Por ser um sujeito histórico, construído a partir de fragmentos e retalhos da sociedade o professor acaba reproduzindo a ordem instituída. Assim, age de acordo com o legado poderoso da racionalidade científica, que considera o indivíduo um ser puramente racional, menosprezando as dimensões lúdica, imaginária, simbólica e estética que fazem parte da formação complexa que é o ser humano. (ANTUNES, 2005, p. 22)

Assim, os elementos historicamente existentes nas práticas pedagógicas, nas escolas e nas relações estabelecidas neste âmbito vêm sendo reproduzidos, influenciando a educação mesmo diante de discursos inovadores e possibilidades de novas práticas docentes que abrangem atividades lúdicas, antes não valorizadas.

É lamentável perceber que as atividades lúdicas, mesmo valorizadas e percebidas como importantes no contexto escolar, nem sempre são praticadas pelos professores devido a falta de preparação e conhecimentos teórico-metodológicos para utilizá-las em sala de aula, no contexto dos alunos e conforme os conteúdos curriculares.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

Jogar e brincar é um exercício de ação natural do ser humano, que envolve infinitas capacidades e habilidades, tanto na criança como no adulto. O ato de brincar e jogar resulta na manifestação de sentimentos e emoções, permitindo assim o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Nesta perspectiva estes artifícios auxiliam a criança a interagir com o meio em que está inserida, assimilando o mundo que está a sua volta, acomodando-se nele, organizando informações, adquirindo experiências e cultura, além de conceituar valores, construindo, assim, sua identidade. Neste sentido ensina Rizzi; Haydt (2001, p.15):

Brincando e jogando, a criança aplica seus esquemas mentais à realidade que a cerca, apreendendo-a e assimilando-a. Brincando e jogando a criança reproduz as suas vivências, transformando o real de acordo com seus desejos e interesses. Por isso, pode-se dizer que, através do brinquedo e do jogo, a criança expressa, assimila e constrói sua realidade. (RIZZI;HAYDT, 2001,pag.15)

Para que essas atividades motivacionais atinjam metas e finalidades mencionadas, não devem ser levadas como simples divertimento e passatempo. Devem ter objetivo, regras e uma contextualização clara, além de um agente mediador: o professor.

É de extrema importância que o professor avalie o desenvolvimento de seu aluno, preferencialmente de maneira formativa, avaliando continuamente, observando e anotando o progresso de cada criança neste processo. Para Moyles (2002,p.137):

O brincar dirigido tem abordagem formativa, no sentido que a intervenção se destina, seguindo-se a observação do brincar livre, a ampliar o desempenho e a aprendizagem da criança e oferecer-lhe alguma coisa partir da qual ela possa começar a pensar sozinha. (MOYLES,2002,pag.137)

Esta interação entre o professor, o aluno e o objeto com o mesmo propósito, estimulam a zona do desenvolvimento proximal (ZDP) na criança. Essa ZDP é um conceito de Vigotsky que define a distancia entre a capacidade do indivíduo de resolução de um problema com a ajuda e a capacidade de resolvê-lo sozinho. Assim, é um campo intermediário e muito importante no processo de aprendizagem, o qual pode ser estimulado pela interação através de jogos pedagógicos.

Apesar de tais benefícios e do quanto é enriquecedor estas práticas lúdicas, ainda assim existem adultos céticos quanto a estas atividades, que desconhecem a importância que os jogos e as brincadeiras exercem na vida das crianças, influenciando em seu desenvolvimento para uma vida adulta mais sadia, alegre e social. De acordo com Oliveira (1993, pag.67) “(...) o



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e significado.

Considerando que nos dias de hoje muitos adultos não vivem sem seus jogos e passatempos (tais como vídeos-game, jogos de computador, baralhos, sinuca e tabuleiro), pois a eles esses jogos trazem sensações de prazer, divertimento e relaxamento, o que ocorreria se esses instrumentos fossem retirados de suas vidas?

Desta forma fica fácil analisar o quanto os jogos e brincadeiras são atividades valiosas que nos fornecem meios de prazer e uma vida mais atrativa, visto que vivemos em uma sociedade capitalista, competitiva e, por vezes, injusta, onde a cada dia presenciamos o aumento da violência e do desemprego.

Dessa forma, o que presenciamos é que as atividades prazerosas que envolvem jogos e brincadeiras estão cada vez mais distantes do cotidiano das crianças e, principalmente, dos adultos. Nessa perspectiva Santos (2000) destaca que:

Culturalmente somos programados para não sermos lúdicos. Basta lembrarmos quantas vezes em nossas vidas já ouvimos frases como estas: “Chega de brincar, agora é hora de estudar”; “Brincadeira tem hora”; “Fale a verdade, não brinque”; “A vida não é uma brincadeira”. E assim fomos construindo nossas idéias sobre o lúdico. (SANTOS, 2000, p.57)

Adultos e crianças perdem, gradativamente, o interesse pelo lúdico, por atividades que os levem a brincar, por descontrações, pela espontaneidade e pela criação.

Perante tais fatos, e sabendo da riqueza de elementos favoráveis ao desenvolvimento infantil que as atividades lúdicas proporcionam à criança, é fundamental que o professor estude meios de organizar e dirigir essas situações de aprendizagem. Assim, as atividades lúdicas podem proporcionar um trabalho com as dificuldades do aluno, acompanhando o processo de ensino e aprendizagem, criando e concebendo situações-problemas que propiciem desafios, que agucem a criatividade e a fantasia, demonstrando aos alunos como a teoria relaciona-se com a prática vivenciada no cotidiano e estimulando a cooperação entre os alunos. Assim, o ensino-aprendizagem tornar-se-á mais prazeroso e cativante.

. Ao contrário do que alguns adultos pensam as crianças não precisam ser preparadas para atuar no mercado de trabalho desde cedo, contudo necessitam ser mediadas para interagir e se integrar à sociedade, inclusive no aspecto afetivo e lúdico. Percebe-se que, o fato da escola



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

e do ensino serem tratados como elementos sérios e rígidos de preparação para a vida adulta, transforma-os em desmotivadores e desinteressantes para as crianças, visto que estas esperam saciar suas curiosidades através de atividades que sejam motivadoras e interessantes.

Dessa forma, parece que o aprendizado prazeroso aos poucos deixa de existir na escola. Para Antunes (2001, p. 60), o que acontece é que o prazer “vai dando espaço a significações instituídas de que aprender impõe sacrifícios e não é para todos. Somente para aqueles que tiverem coragem de renunciar à espontaneidade e à sensibilidade”, pois muitas vezes, o aprender se delinea como uma etapa de dificuldades e transformações para a criança. Como completa Antunes (2001, p. 60): “O aprender, nesta concepção, começa a distanciar-se da dimensão de desejo, da curiosidade, da fantasia e da dimensão simbólica, dirigindo-se para uma concepção árida e empobrecida do que significa conhecer e ensinar”.

É compreensível que algumas pessoas tenham esse pensamento equivocado que desmerecem o aprendizado significativo e prazeroso, levando em consideração a educação que as pessoas de gerações passadas tiveram, sem esquecer, sobretudo, que muitos deles nem tiveram a oportunidade de estudar, sendo obrigados a trabalhar desde cedo.

O que é inadmissível é o fato de a criança, em pleno século XXI, ser vista como um adulto em miniatura. Toda criança deve e tem direito a uma infância feliz, com lazer e brincadeiras, assim como preceitua o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069 de Julho de 1990) “(...) toda criança tem o direito a brincar, praticar esportes e divertir-se.”

A escola por sua vez não precisa ser um ambiente chato e desmotivador, onde os alunos se sentem obrigados a frequentá-la. É nesta instituição que a criança passa maior parte do seu tempo, que faz suas descobertas e onde interage social e afetivamente. Conforme as contribuições de Corazza (2000), a escola “produz” infâncias.

Nesta perspectiva, cabe ao professor agir de forma mediadora, fazendo intervenções motivacionais com propósitos e finalidades de acordo com o currículo, para que aluno compreenda que na escola circula varias esferas sociais de diferentes situações econômicas e culturais. Mas como o professor ao mesmo tempo pode seguir o currículo, ser motivacional, interdisciplinar, desenvolver, estimular valores e condutas sociais?

A sala de aula é um espaço aberto que deve estimular a presença, o estudo levando em consideração o contexto de vida do aluno, suas idéias, valores, crenças, suas amizades e conflitos. Ao mesmo tempo, é um espaço de novos conhecimentos e o amadurecimento dos prévios, sobre relações e atitudes que se esperam do educando frente à sociedade, neste âmbito



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

a importância de jogos em equipes, dirigidos e com regras, para que o aluno assimile e compreenda que não vivemos sozinhos, precisamos uns dos outros.

O professor, se desejar, pode sim tornar suas aulas mais interessantes, dinâmicas e vivas, incluindo jogos e brincadeiras, pois estes são importantes para o desenvolvimento físico, intelectual e social da criança. Muitos jogos irão permitir que o professor diagnostique a dificuldade e avanços de seus alunos, assim, em vários momentos dessas atividades, o professor estará avaliando seu aluno, de maneira formativa. De acordo com Perrenoud (1998) apud MACEDO, PETTY e PASSOS (2000, p.103):

É formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo (...) a avaliação formativa define-se por seus efeitos de regulação dos processos de aprendizagem. Dos efeitos, buscar-se-á a intervenção que os produz e, antes ainda, as observações e as representações que orientam essa intervenção. (PERRENOUD, 1998, apud MACEDO, PETTY e PASSOS, 2000, p.103).

Infelizmente, jogos e brincadeiras como práticas pedagógicas em sala de aula são muitos distintos. Os docentes têm maior preocupação em seguir o currículo e em repassar estudos.

O recreio é o momento mais esperado pelos alunos, pois é neste momento que elas vão correr, brincar, gritar e estar em contato com outras crianças, entretanto, a sala de aula é o lugar de ficar em silêncio para estudar e aprender, esquecendo que muitas crianças ao sair da escola não retornam para seus lares, vão trabalhar em semáforos, entregar panfletos, ajudar os pais em seus serviços ou ainda tem obrigações que não são cabíveis a uma criança como cuidar de outra e cuidar de serviços domésticos.

Segundo Cerisara (2008, p.136), essa dificuldade dos professores em trabalhar com o lúdico provém das formas como eles foram formados, pois “Em sua grande maioria, as grades curriculares apresentam uma concepção fragmentada sobre as relações existentes entre pensar, sentir, imaginar, brincar e criar”. Sem terem vivenciado muitas atividades lúdicas na escola, torna-se mais difícil abranger esta dimensão enquanto professoras.

Além de apreender conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade, as crianças, conforme Pinto (2007, p. 105), “necessitam também de espaços e tempos que garantam o desenvolvimento das dimensões afetiva, lúdica e criativa, enfim, que garantam tempo e espaço para viverem suas infâncias”. Nesse sentido, as crianças precisam ser



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

analisadas e respeitadas em suas peculiaridades, o que pode ser feito através da valorização de atividades peculiarmente infantis, como o brincar. Conforme Elkind (2004):

As escolas também precisam reconhecer que as crianças também trabalham melhor, aprendem melhor e, sim, crescem melhor, se o tempo despendido na adaptação social – aprendendo os princípios elementares – for alternado com períodos de tempo dedicados às vias de auto-expressão. (ELKIND, 2004, p. 238)

Diante disso, a escola precisa rever seu papel social como espaço privilegiado para as infâncias. Assim, necessita repensar os conceitos de infância e o modo de tratamento para com as crianças, a estrutura espacial e a sua organização temporal para recebê-las. É importante pensar além do que está instituído na sociedade, analisando quais as causas e conseqüências deste sistema educacional e o que pode ser modificado, a fim de qualificar a escola para a infância de hoje, para a vivência de atividades peculiarmente infantis, pois se a escola produz as infâncias hoje, não estaria produzindo e/ou contribuindo para muitos dos problemas dessas infâncias?

Diante disto, é importante que se realize uma união entre ações lúdicas e a sala de aula. Os alunos necessitam gozar de momentos em que ao mesmo tempo que aprendam também se divirtam., não deixando de lado a proposta pedagógica curricular e as disciplinas, mas aperfeiçoando-a e deixando mais dinâmico e interessante o aprendizado. Pinto (2007) questiona:

Como estão sendo tratadas as crianças nas escolas brasileiras? A organização do tempo e do espaço escolares tem respeitado o tempo e o espaço da infância? A atual organização do tempo e do espaço escolares está estruturado para receber a criança, hoje concebida como sujeito de direitos? (PINTO, 2007, p. 93)

É preciso conceber a criança como um sujeito de direitos, e estes direitos incluem o acesso ao brincar e o acesso à escola. Por que não aliar o brincar e a escola? Estaremos, assim, garantindo dois importantes direitos das crianças, que estão incluídos no Estatuto da criança e do adolescente.

De acordo com as colocações acima, é importante destacar a reflexão realizada por Barbosa (2006):



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR***

Nossas crianças têm direito à brincadeira; à atenção individual; a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; ao contato com a natureza; à higiene; à saúde; a uma alimentação sadia; ao desenvolvimento de sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; ao movimento em espaços amplos; à proteção; ao afeto; à amizade; à expressão de seus sentimentos; à uma atenção especial durante seu período de adaptação; ao desenvolvimento de sua identidade cultural, racial, religiosa e de gênero. O parecer e a resolução do CNE sobre a educação infantil demonstram essa interlocução profunda entre os direitos da cidadania, da aprendizagem e da pedagogia. Porém, esse avanço conceitual ainda não está presente no ensino fundamental. (BARBOSA, 2006, p. 52)

Percebe-se que é necessário um avanço também em relação às leis que regem o Ensino Fundamental, normatizando e exigindo cada vez mais o compromisso da escola básica com o direito ao brincar. Para Shneider:

(...) uma escola que tem o “brincar” como foco de preocupação, tendencialmente pode favorecer a manifestação dessa atividade no seu cotidiano. Se o brincar é permitido para todas as crianças, de todas as idades, é possível considerar que nessa escola, não haveria rupturas quando uma criança passa da turma de seis anos para a turma de sete anos, ou seja, não haveria descontinuidade na compreensão da infância. (SHNEIDER (2007, p. 191)

Quando a preocupação com o lúdico está entrelaçada com a crença na melhor aprendizagem do aluno e o respeito à infância, certamente os professores se instigam mais para a utilização desta perspectiva, buscando um melhor desempenho de sua turma.

As atividades lúdicas na escola precisam ser vistas como elementos fundamentais para o desenvolvimento infantil, contribuindo para a aprendizagem e formação das crianças no momento em que estão inseridas no contexto das atividades propostas pelo (a) professor (a), na organização da sala de aula e da escola, imersas nos conteúdos da grade curricular de forma que sejam atividades praticadas não com um intuito único de se divertir, ou de criar, ou de se movimentar, ou de aprender determinado conteúdo.

Para tanto, destaca-se alguns cuidados que o professor deve ter para a realização de jogos. Antes da execução das atividades lúdicas, o professor tem que averiguar se o espaço e tempo são disponíveis; analisar se a faixa etária da criança corresponde ao jogo; ter clareza ao explicar a atividade, estando posicionado de maneira que seja visto e ouvido por todos; se necessário fazer uma demonstração; aceitar sugestões de regras e do contexto do jogo.

Acredita-se que o lúdico contribui para a aprendizagem infantil quando inserido na metodologia do professor, quando passa a ser um elemento mediador entre a aprendizagem, o prazer e o significado, presente em todas as atividades de sala de aula de forma a contribuir



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

para que a aula seja vivenciada e realizada de forma mais espontânea, criativa e prazerosa para o aluno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Helenise Sangioi. Imaginário social e formação inicial de professores: tecendo relações entre teorias e práticas educativas. In.: ANTUNES, Helenise Sangioi (org.). **Trajetória docente: o encontro da teoria com a prática**. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do ensino, 2005.

ANTUNES, Helenise Sangioi. **Ser aluna, ser professora** : uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional. Porto Alegre, UFRGS, 2001.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Ponto de Vista. In.: FERNANDES, Francisco das Chagas. O ensino Obrigatório aos 6 anos e sua ampliação para 9 anos trará vantagens ou não para os alunos?, **Revista Pátio**, fevereiro/abril, 2006.

BRASIL, **Estatuto da Criança e Adolescente**. 1990, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm . Acessado em 08/ 03/ 2011.

CERISARA, Ana Seatriz. De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel forma morar juntos no céu! In. : KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo, Cengage Learning, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da Infância sem fim**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000. (coleção fronteiras da educação).

ELKIND, David. **Sem tempo para ser criança: a infância estressada**. David Elkind/ trad. Magda França Lopes. – 3ª Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lucia; PASSOS, Norimar Christe. **Aprender com jogos e Situações – Problemas**. Porto alegre, Artmed, 2000.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? o papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre, Artmed , 2002. 197 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm, acessado em 08/ 03/ 2011.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento: um processo socio-histórico**. São Paulo, Scipione, 2005. 111 p.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES
SOBRE O BRINCAR E O ESTUDAR*

PINTO, Maria Raquel Barreto. Tempo e espaços escolares: o (des)confinamento da infância. In.: QUINTEIRO, Jucirema. CARVALHO, Diana Carvalho de (orgs). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Brasília, DF: CAPES, 2007.

RIZZI, Leonor; HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Atividades lúdicas na educação da criança: subsídios práticos para o trabalho na pré-escola e nas séries iniciais do 1º grau**. São Paulo, Ática, 1998. 94 p.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (org.). **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCHNEIDER, Maria Luísa. Brincar na escola: limites e possibilidades dessa experiência em uma escola pública. In.: QUINTEIRO, Jucirema. CARVALHO, Diana Carvalho de (orgs). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Brasília, DF: CAPES, 2007.

Recebido em: 10-08-2011
Aprovado em: 14-09-2011